

/ PALAVRA DO LEITOR

Dívidas do agro

A aprovação do Projeto de Lei (PL 5.122/2023), que cria um programa de renegociação das dívidas rurais, foi celebrada pelas entidades do agronegócio gaúcho, mas a percepção predominante no setor é que a medida ainda está longe de se transformar em uma solução concreta para os produtores (Jornal do Comércio, edição de 12/06/2026). É lógico que o modelo de renegociação das dívidas do agronegócio foi escolhido para que o Senado e Câmara dos Deputados aprovassem como os produtores atingidos e não atingidos queriam, e isso chegando ao governo pode ser vetado. Esse é o desejo dos políticos de oposição. Mas não esqueçam dos produtores que sofreram com secas contínuas e outros com enchente e que realmente estão em situação muito difícil. Estes sabem que precisam de urgência e essa demora na aprovação é devido ao ano eleitoral. Vamos observar mais adiante o resultado disso tudo. Não há interlocução com o governo, há apenas subservidência. (Silvio Rafaeli)

Infraestrutura

Construído em 1987, e espaço de diversos movimentos e manifestações estudantis, aulas e até encontros românticos, o coreto da praça Piratini, no bairro Santana, em Porto Alegre, em frente ao Colégio Estadual Júlio de Castilhos - o Julinho -, foi demolido por conta de risco à segurança dos frequentadores do espaço (JC, 10/06/2026). Acho ótimo que retiraram o coreto, era um lugar perigoso à noite. Precisamos de desenvolvimento urbano e não de edificações deterioradas. (Felipe Corleto)

Infraestrutura II

O coreto em frente ao Colégio Júlio de Castilhos representava risco de segurança porque aqueles que têm a responsabilidade de manter em bom estado deixaram sucatear e não eram cobrados por isso. (Andreia Carneiro)

Infraestrutura III

Não adianta retirar o coreto em frente ao colégio, continuará havendo pessoas sem teto e sem assistência na cidade. O que precisa realmente ser feito é recolocar estas pessoas na sociedade. Muitas delas necessitam de tratamento, enquanto outras precisam de trabalho e melhores condições de vida. (Ita Brum)

Empreendedorismo

A Feira de Empreendedorismo realizada pela Junior Achievement no Shopping Iguatemi em Porto Alegre reuniu 870 estudantes de 35 instituições de ensino da Capital e da Região Metropolitana, organizados em 47 miniempresas que apresentam e comercializam produtos desenvolvidos ao longo de 13 semanas (JC, 13/06/2026). É sempre bom ajudar e incentivar os empreendedores. O Brasil, devido a tantos tributos e impostos, acaba levando muitas empresas a irem para o Paraguai. (Olmir Antonio de Oliveira)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. É necessário indicar no título do e-mail se é "Artigo" ou "Palavra do Leitor". Os artigos e cartas publicados com assinatura são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

Chips no centro do mundo

Adão Villaverde

O mapa do poder global tem um novo epicentro, e ele é medido em nanômetros e eficiência dos dispositivos. A receita mundial de semicondutores atingiu US\$ 793 bilhões em 2025, crescimento de 21% sobre o ano anterior, impulsionada principalmente pela demanda de chips para inteligência artificial.

Os componentes de IA já respondem por quase um terço de todas as vendas do setor. Para 2026, os gastos com infraestrutura de Inteligência Artificial devem ultrapassar US\$ 1,3 trilhão. Até 2029, mais da metade de todas as vendas de semicondutores do planeta deve vir de componentes voltados à IA. Estamos diante de uma das maiores concentrações de valor econômico e estratégico da história recente.

O problema é que essa riqueza está geograficamente concentrada de forma que preocupa governos e estrategistas em todos os continentes. Taiwan, Coreia do Sul e China respondem pela esmagadora maioria da produção global de chips avançados, e a crise de desabastecimento de 2020 e 2021 mostrou o custo dessa dependência: o que parecia uma questão logística revelou-se, rapidamente, uma questão de soberania.

Desde então, a corrida para diversificar essa cadeia se tornou assunto de Estado. EUA, China, Europa, Índia e Japão lançaram programas bilionários, e até trilionários, e acordos estratégicos. O mundo percebeu que depender de um único polo para um insumo tão crítico é uma vulnerabilidade

que nenhum país pode se dar ao luxo de ignorar.

É nesse contexto que a América Latina começa a olhar para o setor com seriedade inédita. A região reúne capital humano qualificado, bases científicas consolidadas e ecossistemas de inovação em franca expansão. Falta, historicamente, a articulação entre esses ativos e o capital, as políticas públicas e as redes internacionais capazes de transformá-los em produção real. E claro, parcerias e investimentos.

Essa lacuna é exatamente o que iniciativas como o SemiCon-LAC 2026, simpósio que está reunindo em Porto Alegre líderes de Latam, Caribe, EUA, China, Coreia do Sul e União Europeia, tentam começar a preencher. Mais do que um evento, é um sinal: a América Latina e Caribe querem estar na mesa onde o futuro dos chips será negociado.

A reconfiguração global da cadeia de semicondutores cria uma oportunidade real para regiões que historicamente ficaram à margem desse mercado. A questão é se haverá, desta vez, velocidade, visão, coordenação, parcerias e investimentos suficientes para atravessá-la.

Professor da Pucrs/Tecnopuc e
Chair do SemiCon-LAC 2026

Precisamos acolher nosso envelhecimento

Luciano Zuffo

Os debates sobre a resistência à instalação de estruturas voltadas ao cuidado do idoso na região da Lapa, em São Paulo, revelam uma questão que vai além do urbanismo ou do perfil residencial dos bairros. Eles expõem a dificuldade de lidar com uma realidade já presente. O envelhecimento da população brasileira.

Existe uma diferença entre debater a organização da cidade e criar barreiras

É legítimo que moradores discutam impactos urbanos e planejamento territorial. No entanto, existe uma diferença entre debater a organização da cidade e criar barreiras, ainda que involuntárias, para um grupo que cresce rapidamente e que, em algum momento, representará todos nós. Afinal, envelhecer não é uma escolha de alguns. É o destino de todos.

O Brasil caminha para se tornar uma das maiores populações idosas do mundo, mas nossas cidades, as políticas públicas e a cultura não acompanham essa transformação. Durante décadas, direcionamos nossa atenção para as etapas

iniciais da vida e para o trabalho. Pouco se discutiu sobre preparar ambientes adequados para uma população longeva.

Essa realidade ajuda a explicar percepções equivocadas sobre residenciais assistidos e centros de convivência. Muitas vezes, esses espaços ainda são vistos como locais de afastamento social, quando representam o contrário.

Hoje sabemos que muitos idosos sofrem não apenas por doenças crônicas, mas também pela solidão, pela perda de vínculos e pela sensação de não pertencer. O isolamento social tornou-se um problema de saúde pública.

Na experiência da São Pietro Sênior, observamos que o cuidado começa muito antes de qualquer intervenção clínica. Ele nasce da convivência, do reencontro com amigos e da oportunidade de continuar construindo histórias.

Mais do que discutir se espaços voltados ao envelhecimento devem existir, precisamos refletir sobre quantos serão necessários nos próximos anos. Uma sociedade evoluída não afasta o envelhecimento dos seus olhos. Ela compreende que cuidar dos idosos é cuidar do próprio futuro. Envelhecer com dignidade não é privilégio. É um direito.

Sócio fundador do Grupo São Pietro - São Pietro Sênior - Operadora de Sênior Living